

# **AMAZÔNIA, AMAZONIDADE E TRANSVERSALIDADE: EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO**

## **AMAZONIA, AMAZONITY AND TRANSVERSALITY: IN SEARCH OF CONSTRUCTING A CONCEPT**

Gilson Penalva<sup>1</sup>, Lorena de Carvalho Penalva<sup>2</sup>

*Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é a sua principal deve ser ansiosamente repetido.*

*(Homi K. Bhabha, O local da cultura)*

**RESUMO:** *O objetivo deste artigo é discutir o conceito de amazonidade, utilizando pressupostos metodológicos da transversalidade para fomentar um debate produtivo sobre a produção cultural da região amazônica. A abordagem transversal e disciplinar é marcada pela ideia de movência e instabilidade, pressupostos imprescindíveis para se pensar processos de identificação na Amazônia. Amazonidade é um conceito associado às questões de identidade e cuja aplicação, devido à amplitude e complexidade da região amazônica, tem sido bastante desafiadora, no entanto, tem sido reivindicada, como conceito, em contraposição ao termo amazônico, que se constitui a partir de essencialismos consensuais que eliminam as diferenças. A contribuição mais significativa deste conceito é o de contribuir para a desconstrução de visões estereotipadas, preconceituosas e exóticas da Amazônia, que historicamente tem marginalizado formas de pensar e de produzir conhecimentos diferentes.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Amazônia; amazonidade; transversalidade

**ABSTRACT:** *The purpose of this article is to discuss the concept of amazonity, using methodological assumptions of transversality to foster a productive debate on the cultural production of the Amazon region. The transversal and disciplinary approach is marked by the idea of movement and instability, essential assumptions for thinking about identification processes in the Amazon. Amazonity is a concept associated with identity issues and whose application, due to the breadth and complexity of the Amazon region, has been quite challenging, however, it has been claimed as a concept, in contrast to the term Amazon, which is constituted from essentialisms consensual agreements that eliminate differences. The most significant contribution of this concept is to contribute to the deconstruction of stereotyped, prejudiced and exotic views of the Amazon, which historically has marginalized ways of thinking and producing different knowledge.*

**KEY-WORDS:** Amazon, amazonity, transversality

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras Literatura e Cultura pela UFPB. Professor do Instituto de Linguística, Letras e Artes, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras na UFF. Professora de Literatura e Língua Portuguesa do Instituto Federal do Pará.

## 1. *Amazônia: uma construção discursiva*

Desde os primeiros contatos dos europeus (portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses) com a Amazônia, a partir do século XVI, vemos a construção de discursos sobre a identidade cultural da “nova” terra, a partir de parâmetros homogêneos do colonizador. Estes discursos, construídos na interação do novo ocupante com o meio deram origem a textos que produziram preconceitos que sustentam pontos de vista excludentes, responsáveis pela produção de processos de hierarquia cultural na região, ao longo dos séculos. Convém ressaltar que a Amazônia enquanto espaço físico e cultural tinha elementos que atuaram como dispositivos simbólicos nos colonizadores, produzindo conexões semióticas, o que foi arregimentando todo um universo mítico. Sendo assim, podemos dizer que a ocupação europeia na Amazônia se deu sobretudo no imaginário local. Neste caso específico, não se trata de uma mera imposição de sentidos, mas de um processo de ressignificação de signos culturais, como consequência de diálogos e interações. Não se pode ignorar essas conexões, esses elos que se estabeleceram a partir do contato do ocupante com a nova terra, formando um universo mítico que contribuiu para a produção de textos com vários elementos comuns. Segundo Ana Pizarro, esses textos resultantes do elo entre o colonizador e a nova terra, representam as formas do imaginário europeu em determinadas condições de existência (PIZARRO, 2005, p.134).

Geralmente, os povos que já habitavam a Amazônia foram definidos e nomeados por esses colonizadores como rudes, toscos e esquisitos, aparentemente necessitando, que alguém falasse por eles ou em defesa deles, mas nunca diretamente com eles, o que resultou na representação dos mesmos como sujeitos sem enunciação e sem nenhuma noção de civilidade. Em outros tantos momentos, esses sujeitos foram totalmente ignorados, pois a Amazônia foi vista ora como natureza exuberante e dominadora, que sempre se destacava com relação aos próprios seres humanos, ora como inferno verde, espaço de perigos ameaçadores e iminentes, pouco importando quem seriam aqueles que ali habitavam.

Consequentemente, a literatura produzida a partir desses contatos, como as crônicas e relatos de viagem, assim como outras narrativas, tanto de escritores de outras regiões do Brasil que vieram a serviço para Amazônia, como é o caso de Euclides da Cunha e Alberto Rangel<sup>3</sup>, quanto de escritores estrangeiros que escreveram sobre a Amazônia, como é o caso do português Ferreira de Castro, autor de *A Selva*, marcam bem a relação com a alteridade e

---

<sup>3</sup> Autores das obras *Terra sem história* (Amazônia) e *Inferno Verde*, respectivamente.

dá conta do olhar preconceituoso que produziu discursos e representações eivadas do olhar do colonizador, o sujeito que passou a ser autorizado a falar em nome daqueles.

A contribuição mais significativa deste artigo é a de contribuir para a desconstrução de visões estereotipadas, preconceituosas e exóticas da Amazônia, objetivando o rompimento com processos de homogeneização cultural, que historicamente tem marginalizado formas de pensar e de produzir conhecimentos diferentes. A análise dos discursos e representações em textos de autores que produziram na ou sobre a Amazônia, tem possibilitado a inserção no debate sobre cultura, hibridismos e interações culturais.

Sabemos que a identidade é também uma invenção, uma ficção, é produto direto da imaginação, e, no contexto amazônico, o exotismo do olhar do colonizador, tem contribuído para a negação ou exclusão das diferenças, daquilo que foi considerado por aqueles como esquisitices e deformidade.

Os discursos sobre a identidade cultural na Amazônia foram sendo construídos de forma pretensiosa e intencional, como instrumentos de dominação do projeto colonialista europeu, com especificidades e adequação a cada momento histórico. Nos séculos XV, final do XVIII e início do XIX vemos uma presença forte do discurso europeu no contexto brasileiro. A partir do século XIX, esses discursos se multiplicam e se organizam em várias direções, inclusive, provenientes de outras regiões do Brasil consideradas mais periféricas. Com o advento da globalização da economia e mundialização da cultura, houve uma intensificação e uma maior relativização desses discursos constituidores da identidade amazônica, arregimentados, sobretudo, por processos midiáticos.

Grandes mudanças no cenário atual da Amazônia e do mundo têm provocado movimentos de migração e diáspora, idas e vindas em várias direções, o que tem produzido processos complexos de identificação cultural, ao mesmo tempo em que são problematizados os essencialismos homogeneizadores. Nesse sentido, estamos reafirmando um questionamento sobre os essencialismos que prevalecem numa abordagem substantiva e homogênea da cultura, por entender que é sobre esse essencialismo que se assenta toda uma reflexão teórica da desconstrução. Derrida ao colocar a crítica literária como objeto da desconstrução, elabora uma crítica ao logocentrismo da cultura ocidental, tendo como base de sua elaboração o essencialismo, que sustenta o projeto ideológico colonizador. Esse essencialismo torna-se prejudicial à reflexão sobre a identidade, porque tornou-se o esteio de sustentação da identidade de raiz única, fixa e estável, impedindo assim o aparecimento ou a fluidez de uma identidade rizomática, ou seja, de uma raiz que vai ao encontro de outras raízes, aberta em várias direções. Gayatri C. Spivak, crítica indiana radicada nos Estados

Unidos, elabora um trabalho teórico e crítico consistente, sobretudo no que diz respeito à elaboração de estratégias a esse essencialismo que embasa teorias vindas da Europa, que tem insistido em ver a sua gente como sujeitos da ciência, e os outros povos são relegados à condição de objetos de investigação, à marginalidade, reconhecendo o outro apenas como meio da assimilação.

Spivak referindo-se a Derrida, diz que esse autor, mesmo falando da Europa, faz grandes avanços, ao identificar e criticar este mecanismo etnocêntrico de auto-consolidação. A tendência neste trabalho é a rejeição ao essencialismo por compreender que este favorece o discurso pseudo-possuidor da verdade, e isso tem provocado a fixidez da identidade cultural.

São estabelecidos, a partir dos vários contatos de povos de diferentes lugares do Brasil e do mundo, processos de hibridismo cultural que têm provocado grandes questionamentos com relação à ideia de pureza e de estabilidade nos discursos relacionados à identidade cultural na Amazônia brasileira.

Ana Pizarro em seu texto “Imaginario y Discurso: La Amazonía” (2005), apresenta uma conformação da Amazônia como uma

(...) compleja unidad que no es solamente de tipo geofísico o ecológico, como en general há sido visualizada, sino también cultural. Es decir, con los patrones que le otorgan, dentro de toda su riqueza y diversidad, una unidad y un espesor cultural propios, que por una parte tiene que ver y por otra la diferencia de otras regiones del continente: aquellos que la constituyen en un área más de la diversificada unidad de América Latina, en su configuración heteronímica. (PIZARRO, 2005, p.132)

No mesmo texto, essa autora chilena propõe pensar a Amazônia como uma construção discursiva, sendo esta construção a história dos discursos que têm sido elaborados e constituídos em diferentes momentos históricos, os quais além de informar, permitem identificar o discurso externo sobre essa região. Dentre tais discursos históricos sobre a Amazônia, vemos relatos da cultura oral indígena, narrativas de viajantes europeus, assim como a produção de textos literários nos vários países que compõem a região denominada de Pan-amazônia.

O prefixo pan usado na expressão pan-amazônia, denota a ideia de totalidade da região amazônica, constituída por alguns países da América Latina. Por exemplo, a Bolívia tem 47% do seu território pertencente à região amazônica e o Brasil tem 3/5. Toda essa região de dimensões continentais é marcada pela diversidade de formas, de culturas e espaços; no entanto, existem em todas as regiões que compõe a Amazônia elementos culturais, geográficos e históricos semelhantes, alguns até comuns. Um dos desafios colocados hoje é pensar essa região em termos de unidade, numa unidade constituída a partir do diverso e do diferente, sobretudo do ponto de vista literário e cultural.

Ana Pizarro falando desse contexto amazônico e de seu processo de construção discursiva, diz ainda:

La Amazonía como espacio físico y humano, cultural, tenía elementos que actuaban como dispositivos simbólicos en el ocupante, gatillándole conexiones semióticas del imaginario, permitiéndole construir con lo que veía un universo mítico, que respondía a sus carencias, expectativas, necesidades físicas y espirituales. El resultado de ello fue la elaboración de textos con elementos en común cuyas relaciones representan las formas de los imaginarios de la sociedad europea en determinadas condiciones de existencia. Este discurso constituyó un corpus que surgía a partir de la interacción del nuevo ocupante: español, portugués, holandés, inglés, francés con el medio. No era un discurso inocente, venía cargado de un punto de vista, de una historia y de las necesidades de ésta. Cargado pues, de fantasías. Su efecto sobre el medio fue sin embargo determinante para lo que sería el futuro de este espacio geográfico y sus sociedades. (PIZARRO, 2005, p. 134)

Na sequência do texto, Ana Pizarro faz outras considerações sobre a ocupação da Amazônia, localizando-a como mais acentuada entre os séculos XV, final do século XVIII e início do XIX e diz que todo esse processo de ocupação está marcado pelo discurso europeu. Dentre os que ocuparam a Amazônia, houve destaque para os “descobridores”, os viajantes científicos que objetivavam conhecer toda a biodiversidade da região, a floresta, os rios, plantas e tudo o mais que encontrassem, e os missionários. Segundo ela, a Amazônia foi ocupada, sobretudo pela imaginação, pois o território fora ocupado fisicamente apenas pelas margens dos rios, igarapés e seus afluentes. A selva sempre foi um obstáculo, uma barreira, que impediu uma penetração maior e um conhecimento mais vasto do ambiente. O território tornou-se inexplorável, já que a selva, como uma verdadeira muralha, impede que o homem adentre ao seu interior. Isso fez com que a imaginação corresse solta e determinasse tão intensamente o discurso europeu, atribuindo uma dimensão mítica que produziu inúmeras histórias sobre a região.

Falando especificamente da produção literária da Amazônia, Amarílis Tupiassú (2005) diz haver dois grupos de textos literários nessa região, um de feição mais regionalista, voltado para os seres e as coisas da região, talvez impressionado pela grandiosidade da natureza, assim como pelo sentimento de pequenez do ser humano ao impacto da exuberância circundante. O outro se constitui “pelos reclamos de motivações mais plurais”, sem que se perca de vista o fato de existir a Amazônia com suas facetas diferenciadoras. Como exemplo desse segundo grupo, a autora cita o poema *Ver-o-peso*, de Max Martins. Segundo ela, esse segundo tipo de texto literário enquadra-se perfeitamente no que Ezra Pound arguiu sobre o texto artístico-literário, que compreende um “complexo significativo de falas dispostas como se em ondas que se reiteram, se conflitam, se alargam como mirante simbólico do eu, nós, tu, o outro, os sujeitos das redes de relações linguístico-sociais.” (TUPIASSÚ, 2005, p.306.)

Essas considerações acerca do objeto literário, elaboradas por Amarílis Tupiassú, denotam uma concepção generalizada de literatura amazônica ainda presa ao pensamento eurocêntrico e homogeneizador que, ao ignorar as diferenças, estabelecem processos de hierarquia cultural que valorizam determinados tipos de textos e excluem outros que não se adequam perfeitamente às exigências. Tais questões teóricas sobre a obra de arte literária precisam ser melhor estudadas e compreendidas num momento em que culturas e discursos marginalizados historicamente buscam estratégias de lidar com a cultura hegemônica sem a necessidade de copiar o modelo na íntegra. Essa linha de raciocínio nos leva a pensar nos pressupostos elaborados por Silviano Santiago, no contexto da América Latina, em que se rompe com a necessidade de imitação da origem, deslocando a atenção para aquilo que destoa do modelo e ressalta a diferença.

Esse debate incita reflexões acerca dos discursos constituidores do literário, afim de que se possa resgatar uma multiplicidade de manifestações literárias marginalizadas no contexto acadêmico e institucional. Sendo assim, a primeira questão que se coloca é como fica o discurso estético, uma vez que outros discursos estão sendo questionados e deslocados de sua aparente centralidade, neutralidade e universalidade; a segunda, está relacionada com a consciência de que o discurso constituidor do literário passou por diferentes acepções em diferentes momentos históricos. Se no século XVIII, por exemplo, o conceito de literatura englobava não só obras ficcionais e imaginativas, mas outras que encerravam valores e gostos da sociedade (cultura, filosofia, política, etc.), no século XIX, o literário poderia se resumir à esfera do imaginativo e visionário; isto já não acontece no século XX, marcado por uma pluralidade de abordagens teóricas, cada uma a seu modo tentando definir o literário, o que nos faz entender que a constituição do literário apresenta estreitas relações com o poder social de quem o legitima. Portanto, os critérios definidores do literário são ideológicos, políticos e culturais.

Dito isso, reafirmamos a preocupação com os sistemas de classificação dos textos literários no contexto da América Latina, e principalmente na Amazônia, tendo em vista que os critérios definidores do literário geralmente escamoteiam as verdadeiras intenções ideológicas, ao estabelecer processos de hierarquia cultural. Não se pode perder de vista que, ao se estabelecer qualquer tentativa de estudar, classificar e refletir sobre a literatura e a cultura na Amazônia, será fundamental levar em consideração a pluralidade e a diversidade que marcam essa região.

## ***2. Amazonidade***

Buscaremos, depois dessa contextualização, discutir o conceito de amazonidade, utilizando pressupostos metodológicos da transversalidade, que acreditamos fomentar um debate produtivo sobre a produção cultural na região. A abordagem transversal e transdisciplinar, como estamos compreendendo, é marcada pela ideia de movência, mobilidade e instabilidade, pressupostos imprescindíveis para se pensar processos de identificação na Amazônia.

Amazonidade é um conceito associado às questões de identidade e cuja aplicação, devido à amplitude e complexidade da região amazônica, tem sido bastante desafiadora. Talvez o obstáculo maior para desenvolver e se pensar neste conceito enquanto desejo de afirmação identitária seja a pluralidade e a heterogeneidade da cultura produzida na Amazônia. A amazonidade tem sido reivindicada, como conceito, em contraposição ao termo amazônico, que se constitui a partir de essencialismos consensuais que eliminam as diferenças. A ideia de cultura amazônica tem sido construída a partir de processos que elegem e hipervalorizam alguns elementos e excluem outros. Os elementos “eleitos” como constituidores da identidade cultural amazônica, geralmente são aqueles apontados pelo olhar do colonizador. Observa-se na literatura produzida na e sobre a Amazônia, a exemplo dos relatos de viagens e outros discursos, que este espaço aparece normalmente associado à barbárie e selvageria, muitas vezes adjetivado como não-civilizado. No romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, constata-se o que estamos afirmando quando se apresenta uma Amazônia selvagem, onde o homem, além de ser explorado brutalmente pelo sistema de aviação, é obrigado a conviver com doenças endêmicas, ataques de feras e índios. Segundo a perspectiva que predomina neste romance, o espaço amazônico é inóspito e inadequado para o ser humano. Já em outra obra, *Inferno Verde*, de Alberto Rangel (1972), como o próprio título da narrativa sugere, verifica-se concepção semelhante de Amazônia àquela apresentada no romance de Ferreira de Castro. Desde os primeiros contatos do europeu com a Amazônia, esse espaço foi sendo configurado a partir dos discursos do estrangeiro sobre a região, em clara demonstração de estranhamento com a alteridade.

Contrariando a esse pensamento mais afinado com visões eurocêntricas, surge a ideia de amazonidade como uma reivindicação identitária abrangente e que leva em consideração as várias misturas e contaminações culturais que se desenvolveram na Amazônia a partir do século XVI. Essa proposta requer o rompimento com os tradicionais pontos de referência étnico-culturais e lingüísticos que historicamente serviram para identificar a cultura amazônica. A proposta é desconstruir identidades estáveis, acabadas, prontas e completas e

estabelecer um pensamento autóctone e marginal, que, pelas bordas, possa contribuir para se pensar a identidade cultural da Amazônia como um processo contínuo de identificação que pressupõe, necessariamente, distanciamentos dos padrões culturais europeus. Além das questões do hibridismo cultural, marca da amazonidade, destaca-se na elaboração deste conceito, a necessidade de lidar com a alteridade. É a presença contínua da alteridade que impede o engessamento e a fixidez da identidade. E é justamente nessa relação instável e conflituosa com a alteridade que surge a necessidade do atravessamento das fronteiras dos campos disciplinares para se pensar a Amazônia de forma transversal. A imprevisibilidade de um pensamento disjuntivo torna-se imprescindível na construção do conceito de amazonidade, tendo em vista que é através desse dissenso que surgem possibilidades de inventar e imaginar novos processos de identificação. Em vez do consenso e da racionalidade entre disciplinas e saberes isolados, democratiza-se os saberes, busca-se o diálogo constante e relativiza-se a ordem disciplinar para revitalizar os saberes em busca de uma unificação do conhecimento. Segundo Domingues (2005, p.35):

(...) abordagens unificadoras assentadas em conceitos transversais e compartilhando objetos, temas e problemas: são exatamente estas abordagens unificadoras e abrangentes que caracterizariam a metodologia trans e a distinguiriam das abordagens multi, inter e simplesmente disciplinar.

O transversal<sup>4</sup> ou transdisciplinar, como está sendo por nós pensado, coincide com o sentido primeiro de trans “que é uma acepção tanto de ‘através’ ou de ‘passar por’, quanto de ‘para além’” (DOMINGUES *op. cit.*, p. 43.). Segundo o mesmo autor:

A abordagem transdisciplinar e a busca de unificação do conhecimento, visada em seus aspectos teóricos e metodológicos, devem procurar os fundamentos não num nível de concreção abaixo do método, nas diversas técnicas de pesquisa, mas num degrau de abstração acima – este degrau, (...) é a epistemologia, cujo papel é articular a teoria e a metodologia nos diferentes campos do conhecimento (p. 37).

Com a transversalidade, as formas e as fronteiras demarcatórias disciplinares não permanecem inalteradas. A Amazônia traz a marca da pluralidade e heterogeneidade de suas formas culturais, que foram se constituindo em várias etapas de sua história, a partir do contato entre vários povos e etnias, como indígenas e africanos de etnias e culturas diversas e europeus de vários países. Dessa maneira, a cultura dessa região jamais poderia ser estudada ou lida na perspectiva linear das disciplinas isoladas. É a partir do atravessamento

---

<sup>4</sup> A fonte de onde tiramos a ideia de transversalidade é de Guattari. Ver GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.



das fronteiras que a amazonidade se constitui na resistência e na abertura para a diferença. Esse conceito vem sendo construído numa perspectiva histórico-cultural e política, uma vez que apresenta uma abertura para a alteridade, e se dá numa relação espaço-temporal. Sendo assim, pode-se afirmar que o conceito de amazonidade possui um propósito de resistência cultural, tendo em vista que surge do desejo autóctone de releitura dos parâmetros culturais impostos pelo colonizador.

Não se quer aqui discutir princípios filosóficos da transversalidade, mas apenas mostrar que a ideia de dissenso da transversalidade é importante e necessária para se pensar a amazonidade, conceito principal de nossa reflexão. Este conceito está sendo pensado de forma transdisciplinar, não por se formar a partir de diferentes disciplinas, e sim pelos saberes articulados que atravessam seus campos próprios, seus limites epistemológicos, fecundando outros, o que só seria possível a partir de um rompimento de fronteiras fixas. A ideia de consenso é improdutiva para se pensar a amazonidade que se organiza numa perspectiva transversal, algo que por ter em sua constituição princípios de movimento, está sempre por ser criado, um *devoir*, é uma construção que não possui uma definição unívoca e completa, mas princípios não racionalizantes, ilógicos, formados a partir da diferença.

A perspectiva formada por saberes isolados e organizados disciplinarmente, assim como a que pressupõe o diálogo e a articulação de saberes, não dão conta de pensar a identidade cultural da Amazônia, pois acreditamos que sua constituição se dá a partir da disjunção de saberes, do atravessamento de fronteiras geográfica, linguística e cultural, sem a pretensão de uma organização racional definitiva, fazendo com que o caos se torne um princípio norteador. Isso se tornará viável a partir da utilização de uma forma instável e imprevisível de organização do conhecimento que pressupõe o dissenso e a abertura para a diferença. O movimento para além, proposto pelo prefixo *trans*, é extremamente necessário para se pensar a amazonidade, que surge de um rompimento de uma estabilidade conceitual com base em binarismos maniqueístas.

A partir de um olhar transversal sobre a cultura, pretendemos pensar a amazonidade como algo que marca, constrói e problematiza a identidade cultural da Amazônia. Esse conceito, como estamos pensando, assemelha-se ao processo de criouliização proposto por Edouard Glissant (1996), pesquisador antilhano que discorre sobre o pós-colonialismo no contexto do Caribe: um “movimento aberto que se propaga em espiral em várias direções”. O conceito de criouliização associa-se ao conceito de amazonidade ao se pensar a Amazônia como espaço de circulação de elementos culturais diversos que se misturam, se sobrepõem e

se hibridizam, formando algo absolutamente novo, a partir de pressupostos de instabilidade, de movência e de irregularidade.

Durante todo o processo de colonização da Amazônia ficou evidente no olhar e nas práticas do colonizador a ótica ocidental monolítica e universalista, que tratou o outro, a alteridade, como uma espécie de deturpação do modelo, um desvio da regra, ou como algo anômalo. Contrariando essa lógica do colonizador, estamos propondo pensar a Amazônia como espaço construído a partir de diálogos culturais constantes, detentor de extraordinário poder de diversidade cultural e linguística e também de unidade. Apesar da pluralidade, da diversidade e da diferença, a Amazônia possui elementos que constituem a sua identidade cultural, construída a partir do seu imaginário coletivo e dos discursos elaborados sobre essa região. Segundo Ana Pizarro, pesquisadora chilena, em seu texto já citado, “Imaginário y discurso: la Amazonía”, a Amazônia, que é marcada pela diversidade, foi construindo a sua identidade cultural a partir dos discursos de viajantes europeus e cronistas que estiveram na região. Essa pesquisadora defende a ideia de que a Amazônia é uma construção discursiva, que foi se constituindo a partir do discurso do colonizador, ou seja, ela foi se conformando dentro da lógica e dos interesses do europeu. Segundo Ana Pizarro, o discurso do europeu sobre a Amazônia.

No era um discurso inocente, venía cargado de un punto de vista, de una historia y de las necesidades de ésta. Cargado pues, de fantasias. Su efecto sobre el médio fue sin embargo determinante para lo que sería el futuro de este espacio geográfico y sus sociedades. (PIZARRO, 2005, p. 134).

No mesmo texto, essa pesquisadora diz que, nesses discursos elaborados pelo colonizador, a Amazônia sempre foi vista e analisada por seus aspectos ecológicos e geopolíticos, e não por seus aspectos culturais. E conclui o texto afirmando a necessidade de se observar a Amazônia a partir de seus aspectos culturais, pois, nesse espaço de rios imensos e florestas infindáveis, existem pessoas, seres humanos, que imaginam e que possuem modos próprios de vida e que, portanto, constroem cultura. Estudar a cultura e os imaginários do povo amazônida – os nascidos ou migrados que vivem ali - é uma tarefa premente e necessária.

Com este pensamento, pelo qual se pretende compreender a Amazônia como espaço plural e heterogêneo, com elementos de imbricação e de diálogos culturais, que marcam bem o que estamos chamando de amazonidade. A partir desse olhar transversal para a cultura amazônica, queremos desconstruir o discurso monolítico do colonizador, que vem sempre

carregado da ideia de pureza, estabilidade e regularidade. Ao propormos essa transversalização da ótica colonial, que agrega metodologias totalizadoras e conceitos universalizantes, não queremos negar a cultura do colonizador, mas desconstruir esses processos metodológicos sedimentados historicamente a partir da exclusão, no sentido de propor uma reorganização consubstanciada na relação com a alteridade. Ao construirmos o discurso da identidade a partir da diferença, queremos subverter a lógica da coleção construída com pressupostos da regularidade e da igualdade, transpondo fronteiras e limites conceituais estabelecidos historicamente pelo discurso hegemônico.

A teoria da diferença cultural e do hibridismo, proposta pelo crítico indiano pós-colonial Homi K. Bhabha, adequa-se ao nosso pensamento desconstrutor em torno da região amazônica. O espaço da enunciação da diferença, o *terceiro espaço*, segundo esse crítico, contribui para alterar o olhar sobre a cultura, transitando da linearidade e regularidade para a mobilidade e a transversalidade. Essa teoria tem contribuído para se pensar a travessia de uma visão colonialista da Amazônia para um olhar pós-colonial, que discuta sua identidade a partir da cultura, elemento transversal e problematizador, capaz de provocar fissuras nas imagens e discursos homogêneos do colonizador, abrindo espaços para diálogos e intersecções culturais.

As teorias que utilizamos para discutir o conceito de amazonidade, também dialogam com o conceito de *entre-lugar* desenvolvido por Silviano Santiago, (2000), ao pressupor, ao mesmo tempo, a submissão ao código e a agressão, a obediência e a transgressão, assim como estão afinadas com o pensamento de Zilá Bernd, desenvolvido no texto “Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária”. (BERND, 2001, p.1). Nesse texto, Bernd confirma pressupostos teóricos que, visando a não exclusão de alteridades, deslocam o pensamento para a margem, no intuito de captar deslocamentos, nomadismos que marcam as identidades nos tempos contemporâneos. Essas identidades são construídas e desconstruídas na tensão entre o enraizamento e a errância, num lugar deslizante propício para as misturas e os desdobramentos. É conveniente pensarmos nesse espaço intervalar, onde as identidades são problematizadas como fronteiras móveis, porosas e flexíveis, organizadas numa complexidade espaço-temporal. A Amazônia se organiza nessa perspectiva como espaço entrecortado de culturas e saberes diversos, de contaminações e processos de importação cultural muitas vezes mal-assimilados.

Em síntese, podemos dizer que estamos pensando a identidade cultural da Amazônia distante de qualquer vestígio de fixidez e regularidade, procurando apagar qualquer noção de homogeneidade que marcou a crítica cultural sobre a produção local. A ideia é pensar nas

bordas, naquilo que sobra e problematiza o modelo fixo, ao trabalhar a instabilidade e a imprevisibilidade como princípio. Talvez por isso, processos de identificação sejam mais propícios para o que queremos discutir do que a palavra ‘identidade’, que traz consigo, em sua conformação etimológica, um ranço de fixidez e igualdade, que marca o projeto político-ideológico do colonizador europeu. Esse projeto de raiz única já fora bombardeado pela mestiçagem e impureza desde o início da colonização da América, ainda no século XVI. Essa América, formada a partir do estranhamento, apesar de sofrer consequências do processo de colonização, altera sensivelmente o modelo, desviando e contaminando aquilo que antes se pressupunha puro. Desde então, a ideia de pureza no campo da cultura fora entendida como falácia de quem quer impor uma visão monolítica e excludente.

Diante dessas observações, vemos a necessidade de ampliação do conhecimento sobre a Amazônia em seus traços identitários, para que se crie possibilidades de uma auto-identificação diversificada, construída por diferentes grupos indígenas, por grupos de migrantes de outros países do mundo, e se tratando da Amazônia brasileira, por migrantes de outras regiões do Brasil: “conhecer a Amazônia é uma forma de apropriá-la para o continente que a olhou sem vê-la” (PIZARRO, 2004, p. 34). Necessita-se, portanto, de um olhar sensível aos povos e culturas amazônicas, partindo do princípio de que a identidade cultural amazônica precisa ser pensada como movimento e deslocamento, uma travessia que resulta de processos descontínuos, instáveis e problemáticos.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BERND, Zilá. Enraizamento e Errância: duas faces da questão identitária. In: Colóquio do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da alteridade. *Alteridade em Questão*. Belo Horizonte: PUC – MG, 17-18 Nov.2001.

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. São Paulo: Verbo Ltda., 1972.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DOMINGUES, Ivan. *Conhecimento e Transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GLISSANT, Eduard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1996. 178

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIZZARRO, Ana. *Imaginário y discurso: la Amazonia*. In: JOBIN, José Luís et.al. (org.) *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

RANGEL, Alberto. *Inferno Verde* (Scenas e Cenários do Amazonas). Tours: Typographia Arrault & Cia, 4.ed., 1927.

SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: Williams, P.; CHRISMAN, L. *Colonial discourse and post – colonial theory: a reader*. New York: Columbia e University Press, 1994a.

TUPIASSÚ, Amarilis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. In. *Amazônia Brasileira*. Estudos Avançados/ Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Avançados – Vol.I, nº 1 (1987) São Paulo: IEA, 1987.

Recebido em 01/06/2020. Aceito em 31/08/2020.